

AS PRIMEIRAS BRASILEIRAS



Beto Vianna*

** Professor, linguista e escritor, já estudou a língua dos chimpanzés, gorilas e orangotangos, é pai de Tábata e Ariel, e avô de Uirá.*





*P*reguiça gigante... preguiça enorme... preguiça-kumá...
ate'yma-kumá... o'y-kumá.

Mugiu A'ra. Todas riram. Até a pequena riu, rindo do riso das outras. As três mais velhas sempre riam dela toda hora que era hora de acordar. As três mais velhas sabiam muito bem desse se-afobar, desse se-afligir, desse se-coçar que ela tinha, desse a'im dela.

Deixa de a'im, A'ra!

Diziam as três mais velhas. A'ra é como as três mais velhas chamavam ela, e A'ra quer dizer luzir do dia na língua delas, na língua dos tapyuna, que já não existe mais. Porque ela já nasceu com essa cara de se-coçar, com essa cara de a'im, se-afobando junto dos primeiros luzeiros quentes e brilhantes de sol. Um se-coçar que ela tentava disfarçar toda manhã na hora de acordar, mugindo bem alto uma moleza dela inventada, mugindo mole pro vale todo ouvir, quando o dia brilhava e esquentava com o luzir do sol. As três mais velhas sabiam que essa moleza dela era toda inventada. A'ra tem é fogo no rabo, isso sim.

Como é que de um buraco tão pequenininho e seco, como vinha a ser a kuara da mãe dela, pôde nascer uma karakará dessas que nem a A'ra?

Pensavam as três mais velhas. A mãe de A'ra já tinha morrido, comida de iaguara-kumá. Tinha perna curta e franzina, corria pouco, iaguara-kumá comeu ela fácil. Era uma pre-



ta miúda, da boca pequena de pitanga, dos peitinhos de iabuticaba e da tebira meio-murcha. Iaguara-kumá comeu ela fácil. Mas a cria deu pra nascer diferente. A pele de A'ra era ainda mais dudu, mais preta, que a pele dudu da mãe dela, e a boca de A'ra era a mais kumá e a mais pupó, a mais vermelha, de todas as boconas grandonas e vermelhas das tapyunas do vale.

Boca de gostadeira de chupar-akunhanha.

Dizem as três mais velhas. As pernas de A'ra são longas e taludas, boas de correr em disparada sem cansar. A tebira de A'ra é uma bolona reboliça e arrebolada, que balança mais que koatá bêbado no galho. Os peitos de A'ra preenchem a paisagem do vale ondulado, e quando aqueles peitos repassam sob a luz brilhenta do reluzir do dia, mais parece que é a noite caindo no vale. É ver A'ra passar e os tapyuna-abá mais velhos já ficam com a akunhanha dura, lambendo os beiços e triscantando felizes.

Ah, como seria bom meter minha akunhanha na kuara quente de A'ra!

Diziam os tapyuna-abá. As três mais velhas não ficavam com muito ciúme, pois sabiam que ainda ia gastar muito dia e muita noite pra A'ra ficar com idade de virar tapyuna-cunhã. Só uma tapyuna-cunhã podia usar sua kuara pra chupar a chicha branca que fica guardada dentro da akunhanha dos tapyuna-abá. Por enquanto, A'ra era toda delas, todinha das três mais velhas. As três mais velhas podiam gozar sozinhas a tebira e os peitos e as pernas e a kuara de A'ra, e só elas podiam gozar-sentir o molhar da bocona pupó de A'ra na tebira murcha delas, nos peitos caídos delas, nas pernas cambetas delas e nas kuaras secas delas.

Êita, A'ra sabedora de fazer velha feliz!

Diziam as três mais velhas. A pequena não fazia o sexo ainda, mas gostava de ver A'ra fazer o sexo com as três mais



velhas. E às vezes a pequena, meio que só pra imitar, e meio que pra saber se era bom (e ela sempre achava que era muito bom), brincava com a sua kuarazinha, mexendo assim com o dedinho.

Preguiça gigante... preguiça enorme... preguiça-kumá... ate'yma-kumá... o'y-kumá.

Diz A'ra na hora de fazer o sexo com as três mais velhas. Mugindo mole pro vale todo ouvir, quando os quatro corpos-dudu brilham e desesquentam com o molhado do sexo. Ah, mas as três mais velhas sabem que essa moleza dela é toda inventada. A'ra tem é fogo no rabo, isso sim.

Êita, A'ra sabedora de fazer velha feliz!

Pros tapyuna, ter preguiça é coisa boa. Sentir moleza, bocejar e espreguiçar, num ter vontade de acordar, de levantar, nem de andar, nem de colher mandioca e nem mesmo muita vontade de fazer o sexo, tudo isso é coisa de gente, de gente-gente, de gente-tapyuna. Porque o karakará também é gente, mas é gente-bicho, é gente-uirá. É por isso que o karakará acorda cedinho, quando a noite ainda nem gastou direito, voa rápido pra pegar a presa e é esperto, forte e, ainda por cima, trepa bem rápido e o dia todo. O karakará-abá não se cansa nunca de foder com a karakará-cunhã. Karakará tem fogo no rabo. Mas isso é porque o karakará não é gente-tapyuna. Karakará é gente com roupa de bicho que voa e que come os so'ós pequeninos que se escondem nos buracos. Só que o karakará acha que é gente-gente, gente mesmo, gente de verdade, e, pra ele, a comida que ele come é igualzinha à comida dos tapyuna. É mandioca. Pro karakará, os so'ós que ele come são mandioca. Mas os tapyuna só conseguem enxergar o karakará disfarçado com roupa de bicho-uirá e comendo so'ó.

A iaguara-kumá também é gente, mas é gente-espírito, que come gente-tapyuna. A iaguara-kumá é gente disfarçada

de iaguara-kumá, com roupa de espírito. Só que a iaguara-kumá acha que é gente-gente, e acha que tapyuna é comida de gente, que é mandioca. A iaguara-kumá acha que os tapyuna são mandioca. E os tapyuna-mandioca morrem de medo da iaguara-kumá. A iaguara-kumá tem dois dentes que ficam pra fora da boca até quando a boca está fechada. Cada dente desses da iaguara-kumá é do tamanho de um braço inteiro de um tapyuna crescido. Espírito terrível, a iaguara-kumá. Que azar ela achar que tapyuna é mandioca, hem?

Há muitos dias e noites gastados, uma iaguara-kumá viu a mãe de A'ra trupicando suas perninhas pelo vale. Logo viu que aquela mandioquinha miúda, franzina, da perna curta, devia ser ruim de corrida. Nem se incomodou de montar tocaia. Num impulso só (gente-bicho e gente-espírito num têm essa moleza-mole de gente-gente), pulou em cima da mãe de A'ra e meteu no corpinho mixuruco dela aqueles dentes-do-tamanho-de-um-braço-inteiro-de-um-tapyuna-crescido. E assim morreu a mandioca-mãe-de-A'ra: espetada nos dentes da iaguara-kumá. Um azar danado.

Quando um tapyuna morre de flechada ou de dentada de espírito, o céu fica bravo e chupa o sangue do tapyuna morto, e então as nuvens ficam pupó, ficam vermelhas, e o sol também fica pupó, e se esconde de raiva atrás das montanhas envermelhadas.

O maior espírito de todos é o o'y-kumá. O o'y-kumá é o espírito mais poderoso do mundo, e é o mestre de todas as criaturas vivas do vale. É o mestre dos uirás que andam no céu, dos pirás que vivem dentro das águas da grande lagoa-santa, dos so'ós que correm com quatro patas e dos tapyunas que andam com as duas pernas. Até a poderosa iaguara-kumá é obrigada a obedecer o o'y-kumá. O o'y-kumá é o espírito mais parecido com gente de verdade. Quando ele vai comer as folhas dos galhos altos das árvores, ele se levanta sobre as

patas de trás e fica em pé, igualzinho gente, igual tapyuna. E quando ele fica em pé, ele fica do tamanho de cinco tapyunas crescidos, um em cima do outro empilhado. O o'y-kumá tem um pelo macio e comprido, dourado-da cor-do-luzir-do-dia. O o'y-kumá anda bem devagar, arrastando aquele corpão enorme dele, fazendo o vale todo estremecer com o barulho da pisada rombuda dele: tum-tum... E tem um mugido longo, arrastado... É por isso que os tapyuna gostam da preguiça e do espreguiçar, da moleza e do bocejar, pra homenagear e pra imitar o se-arrastar-viver preguiçoso do o'y-kumá. E é por isso que na língua dos tapyuna, que já não existe mais, o'y-kumá também quer dizer até'yma, que quer dizer preguiça.

A'ra tinha vergonha de ser afobada, afoita, aflita, tinha vergonha daquele se-coçar que ela tinha, daquele a'im dela, tinha vergonha dos outros ficarem achando que ela era gente com roupa de bicho. E toda vez que ela acordava, alerta, os olhos faiscando, os músculos tesos, prontos pra levantar o seu corpo preto voando pelo vale, ela mugia longo e arrastado, tal e qual o o'y-kumá, pro vale todo ouvir, todo dia que luzia o dia.

Deixa de a'im, A'ra!

Dizem as três mais velhas. E riem de A'ra. E a pequena também ri, mas só porque ri do riso das outras, quando luzia o dia.